

O Pixo de Salvador: uma comunicação esteticamente museológica³

Andressa Lima BATISTA⁴

José Cláudio Alves de OLIVEIRA⁵

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

O presente trabalho se propõe a investigar a prática artística do pixo soteropolitano como uma comunicação atravessada pela Estética Fi-

³ Trabalho apresentado no GT 4 (Processos folkcomunicaçãois e ativismos antirracistas) da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação

⁴ Graduanda em Museologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA), tendo como áreas de atuação: Documentação Museológica, Estética, Direito à cidade e Cinema. Email: batista.andressalima@gmail.com / abatistandressa@gmail.com

⁵ Orientador. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA); Doutor em Memória e Linguagem (UESB). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Museologia da UFBA. Email: claudius@ufba.br

losófica e pela Museologia, prática esta criada e difundida pela juventude negra da cidade furando bolhas entre gerações. Ao entender a musealização como um processo capaz de provocar os praticantes e combater a necropolítica que incide em contribuir com o genocídio da juventude de um povo, a proposta se detém em analisar os conceitos das grandes áreas estudadas para conceber o saber fazer cultural do pixo como um medium que evoca a prática estética, entendendo a pesquisa como um meio de apontar perspectivas outras acerca da prática a partir da escuta de quem pratica.

Palavras-chave: Arte Urbana; Museologia; Estética.

Introdução

Arte urbana é necessariamente uma arte das ruas, canais concebidos mediante a asfaltização vulgarizada por uma urbanística desenfreada e predatória trocando natureza por concreto. Nessas ruas são encontradas manifestações culturais do pixo, forma de se expressar em superfícies urbanizadas, geralmente com tinta spray ou látex. Segundo Azevedo (2018), a legislação brasileira induz uma separação entre pixo e grafite, técnicas englobadas internacionalmente no termo de origem italiana “grafitti”, tal cultura existente desde o período paleolítico que, por volta da década de 1970 é incorporada ao movimento Hip-Hop, se expandindo e se transformando de forma continental até a atualidade,

[...] a pixação parte de um processo mais anárquico, a ênfase está em transgredir, e em alguns casos agredir; marcar presença, chamar atenção para si e conseqüentemente para o local que está servin-

do de suporte, [...] os principais alvos dos pixadores são os locais mais valorizados ou sacralizados pela sociedade como instituições públicas e privadas, espaços culturais, museus, escolas, igrejas etc. (SANTOS, 2012, p. 54).

A partir dessa diferença brasileira que tem por objetivo a dissociação impositiva com a intenção de desorganizar o movimento da pixo faz-se necessária a ressignificação pela comunidade do termo pejorativo “pichar”, por isto

Pixo com “X” seria então uma prática individual e coletiva organizada e sistematizada em “ganges”, normalmente construída por uma maioria de jovens periféricos [...] no pixo existe classificação; de dificuldade, importância simbólica para o senso comum da cidade, além de quantidades, e uma estética local e própria. (SANTOS, 2018, p. 36)

A pichação é colocada como símbolos indecifráveis, sem conteúdo comunicativo e ilegal, o pixo enquanto manifestação estética e artística não se enquadraria completamente em tal definição, embora tenha caráter de escrita codificada, seu conteúdo comunica e determina a comunidade que pixa. Espera-se que a partir de uma análise processual com os membros da comunidade seja construído e estruturado um banco de dados com pesquisas sobre a temática a fim de tencionar o diálogo com a sociedade. A fim de facilitar a compreensão de uma prática extremamente complexa e detalhada, a técnica da mobigrafia⁶, apresentada neste trabalho como fruto de uma pesquisa

⁶ Do inglês mobigraph, ou fotografia de aparelho móvel, técnica popularizada com o avanço tecnológico das câmeras de smartphones. A mobigrafia torna-se um instrumento importan-

iniciada em 2022 na avenida Bonocô em Salvador na Bahia, auxilia o registro documental a partir da perspectiva visual do estudo imagético aplicado ao pixo. A Avenida Mário Leal Ferreira que divide os bairros Brotas e Cosme de Farias é mais conhecida na cidade como Avenida Bonocô, que segundo Dórea (2006) leva esse nome por conta do ancestral Babá Igunnukô, em volta de uma árvore sacralizada da região, assim Bonocô torna-se sua corruptela.

Figura 1 - Letrado de PANTRO A.P.L.



Fonte: A autora, 2022.⁷

te de registro e análise científica, entendendo o contexto de desigualdade socioeconômica existente no Brasil.

⁷ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1P-d8ySF_a9QcUPA6Io5lTOUvPPdm0A6pg/view?usp=sharing. Acesso em 26 jun. 2023.

A primeira imagem apresentada neste trabalho é o letrado do pixador PANTRO, nota-se a partir da figura uma dedicação em construir sua própria caligrafia urbana e uma precisão em seus traços, pois para expor seu trabalho nas superfícies da cidade é necessário um longo estudo apoiado na prática de sua originalidade, tendo como suportes: cadernos, canetas esferográficas e/ou mesas digitalizadas. O letrado baiano, técnica tribalizada e soteropolitana de criar caligrafias próprias, marcado principalmente pela caligrafia com ondas popularmente conhecida como “cobrinha”, pode ser visualizado na seguinte figura intitulada “BRASIL” a partir da composição do letrado com a parede amarela, a grama verde e os caules das palmeiras cortados propositalmente fazendo alusão a grades, simbolizando o constante cárcere do pixo pela sociedade.

Figura 2 - BRASIL



Fonte: A autora, 2022.⁸

⁸ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1JOi4h2OMt5oW5tjB45VtmYNY47wqd8mb/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

Folkcomunicação, sociedade e contexto urbano

A comunicação desempenha um papel fundamental para o envolvimento do ser com sua comunidade em sociedade, especialmente no contexto urbano, onde a interação entre o meio antropocentricamente modificado e os indivíduos é constante. Segundo Beltrão (1980), os meios de comunicação são sistemas complexos que influenciam e são influenciados por sua inserção na sociedade. À vista disso, através da comunicação as pessoas podem compartilhar informações, expressar suas opiniões e estabelecer relações interpessoais significativas, desempenhando assim um papel crucial na construção e no fortalecimento da identidade de uma comunidade. Ao se comunicar, os membros de uma sociedade podem transmitir seus valores, tradições e história, promovendo assim um senso de pertencimento e coesão social.

Entender a comunicação marginal como uma seara acadêmica, onde a pesquisa pode veicular um recorte específico para a reflexão do pixo enquanto uma prática estética e artística, é essencial para assimilar a conexão entre a comunidade que pixa e a perpetuação de sua cultura, a partir do local, nota-se a incompreensão instaurada pela alienação moral consensual numa sociedade refém de uma cultura eurocentrada e ocidental. Segundo o pesquisador Ruan Santos (2018),

No caso da cidade de Salvador e região metropolitana, a pouca ou falta de compreensão dos “letrados” PIXADOS parece tornar um dos principais motivos do fortalecimento dos argumentos que tendem associar o pixo a bagunça, sujeira etc. O que, de certa forma invisibiliza ou criminaliza tal prática por parte das pessoas que não tem relação direta com “o mundo do pixo”. (SANTOS, 2018, p. 43)

Mediante isto, o trabalho aqui apresentado se detém na palavra pixo e seus derivados para expor a prática como um dos sistemas de comunicação e pertencimento da comunidade e para comunidade, que transcende as barreiras linguísticas e culturais, transmitindo experiências, emoções e ideias a partir do contato do ser com superfícies pixadas. A provocação da grafia da palavra com “x” surge da ressignificação do termo por quem pixa, e quem abriga tal manifestação é a cidade, esta que “[...] sempre foi um lugar de encontro, de diferença e de interação criativa, um lugar onde a desordem tem seus usos e visões, formas culturais e desejos individuais concorrentes se chocam.” (SEABROOK apud HARVEY, 2013, p.14).

Partindo da vertente de Baumgarten aprofundada por Reicher (2009), a estética filosófica, teoria que se refere ao estudo do conhecimento sensitivo, abrange experiências estéticas, objetos estéticos e qualidades estéticas, como conceitos que vão além da função de adjetivos, configurando-os em termos. Assim, a experiência estética do pixo é artística ao mesmo tempo que é subjetiva (BELL, 1914), instigando a decodificação dos signos, e provocando reação, seja ela positiva ou negativa, intrinsecamente de forma política (RANCIÈRE, 2005), em vista disso, cabe retomar a proposição do pixo enquanto um *medium* (meio e mediador) que inclui qualidade estética. A cultura do pixo em Salvador é um sistema complexo e ativo na construção da realidade social, indo além da mera transmissão de informações, a seguinte figura exemplifica visualmente o pixo enquanto *medium*, refere-se ao letrado de DENTE, este estampado embaixo da estação de metrô Bonocô, com seu vulgo em caligrafia ocidental e com a sua “ganguê” com sua caligrafia tribalizada.

Figura 3 - DENTE



Fonte: A autora, 2022.⁹

A rua, entendida como um espaço de partilha do sensível, se constitui em um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência do comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. [...] Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2005, p. 15). Por conseguinte, o pixo é entendido como uma parte exclusiva desse comum partilhado (rua), provocando a partilha, as dinâmicas presentes no espaço urbano evocam conflitos e oportunidades, para o olhar atento às superfícies urbanas, olhar este que é desenvolvido no ato de decodificar signos e hieróglifos¹⁰ nos

⁹ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NmJWCbzIIHOkpK30sesq4TWUsn25HQxU/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

¹⁰ Hieróglifo ou Medu Neter é um extinto modelo de escrita pictográfica, utilizado principalmente pela antiga sociedade do Kemet e por alguns grupos indígenas americanos, como os

muros da cidade. A partir disso a prática do pixo é identificada como *medium*, com a decodificação há uma ambiguidade no sentido de entender um pixo ou entender que o pixo é um pixo, mas de todo modo, decodificando ou não, as práticas de arte urbana provocam reações e interações com o espaço que a manifestação ocupa apoiado nas percepções plurais encontradas na comunidade.

Ao conhecer a comunidade e conviver com a comunidade, a percepção sobre a prática do pixo se transforma, o letrado de PAPEL acompanhado da exclamação “Pixo é Arte!!!” provoca as partes exclusivas que decodificam ou não a prática, tencionando ao mesmo tempo a comunidade que pixa, com um letrado complexo e original, e a comunidade que decodifica apenas a grafia ocidental com uma exclamação que suscita uma vontade de se comunicar não só com a comunidade que pixa mas também com a comunidade que julga o pixo como incompreensível. A intenção de afirmar o pixo como arte, longe de todo pré-conceito equivocado e ocidental de equiparar arte e estética à teoria do belo, é urgente.

maias e os astecas. Tal termo tem uma significação dupla: uma faz referência à fala (“Palavra de Ntr/Ntrw”, “Palavra de Deus/Deuses”), outra faz referência à escrita (“Escrita de Ntr/Ntrw”, “Escrita de Deus/Deuses”). O Mdw Ntr foi nomeado pelos gregos como ‘hieróglifo’, significando “escrita sagrada”. (OLIVEIRA, 2008 apud PONTES, 2020, p.55).

Figura 4 - Letrado de PAPEL



Fonte: A autora, 2022.¹¹

A presente proposta de comunicação oral pretende apresentar a operação da comunicação por meio do saber-fazer do pixo de Salvador, presente desde 1979 com o grupo V.S. (Vermes do Sistema) com quase 60 integrantes, segundo relato do pixador NOITE coletado em entrevista. Sendo assim, “A pixação soteropolitana é uma prática bem definida em relação ao traço, ou à perspectiva estética e ao seu suporte (muros, paredes de prédios públicos ou privados, Igrejas, etc.)” (OLIVEIRA, 2012, p. 54) seja por cada integrante com sua caligrafia própria, seja com características únicas que as diferenciam de práticas de outras regiões, como a “cobrinha”, estilo originário do estado baiano.

¹¹ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBwGJu2Vmz6ZFiAGMpF21dNkFJF3x-AD/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

Seus agentes são caracterizados por jovens de maioria negra e oriundos de periferias, cada membro possui na cena um vulgo, uma persona que emerge da tinta para os muros, podendo ser curto (Mito, Obzo, Mina...) ou longo (Avalanche, aZuada, Noite...), confluindo seu ser e a cidade que deve ser sua, ratificando a partir de sua existência e experiência estética a sua identidade e sua luta, uma vez que existir de forma plena e criativa para corpos marginalizados de forma estratégica em uma estrutura opressora é digladiar contra a colonialidade do poder.

A exposição do pixo enquanto prática estética que provoca uma contemplação desinteressada, seja dos indivíduos capazes ou incapazes de decodificar os signos nas superfícies, surge como investigação, mas também como delação a necropolítica que envolve a comunidade, mais especificamente a juventude negra. A violência civil-militar encontrada na sociedade evoca a reflexão: a quem pertence a cidade? Ou melhor, a quem pertence o direito (de viver) à cidade? Subjugando a vida em prol do poder da morte em busca de capital, Mbembe (2017, p. 146) utiliza o termo necropolítica para

[...] explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”.

Figura 5 - Fogo!



Fonte: A autora, 2022.¹²

A partir da necropolítica, corpos marginalizados da estrutura de poder dominante, branca e autocrática são formalmente tolhidos de experienciar estética, recorrendo às ruas como um museu do povo¹³, evidenciando para a sociedade que segrega seu vetor de movimento, o pixo, a rua é posta como palco de memória, ao ser alicerce e registro de suas caligrafias; e de esquecimento, ao reforçar a marginalização do pixo por partes exclusivas de indivíduos incapazes de decodificar os signos de pixadores. Na figura a seguir há um ode a desatenção aliada a uma estratégia de marketing, ao se deparar com um trabalho envolvente e vistoso na Avenida Bonocô, uma equipe produtora

¹² Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1M_WyGLJa24jndLGzXSee0glGxfVoLobp/view?usp=sharing. Acesso em 26 jun. 2023.

¹³ “A rua é o museu do povo!” é uma expressão idealizada pelo grupo de artes integradas A Pombagem, originário da Fazenda Grande do Retiro, bairro periférico de Salvador. O grupo agrupa, teatro de rua, poéticas, museologia e pixo para se expressar nas ruas da cidade e em sua sede, a Casa do Museu Popular da Bahia, localizado em seu bairro de origem.

de um evento sobre Capoeira e Ancestralidade, utiliza a tática de divulgação leviana, aliada a uma incompreensão estética estrutural e estruturante, ao cobrir um trabalho artístico profundo e asoberbado com flyers de divulgação do evento, reforçando uma exclusão histórica do pixo nas ruas por aliados à luta de outras comunidades marginalizadas, tornando a discussão apontada neste trabalho fundamental para tencionar o diálogo entre povos marginalizados.

Figura 6 - Censura civil: ode a desatenção



Fonte: A autora, 2022.¹⁴

¹⁴ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MGv7Do5DE1NGctLFUA7mQy7cXPnqzvBD/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

O pixo, a cidade e os processos de comunicação

Desse modo, o presente trabalho se debruça a estudar o pixo como uma prática inserida em um sistema comunicacional esteticamente museológico, o pixo de Salvador torna-se um objeto estético com qualidades estéticas que evocam experiências estéticas da rua com a comunidade, tanto a parcela que sabe decodificar signos quanto a parcela que não sabe. O Pixo de Salvador se configura na materialização do significante para as juventudes de gerações, ao refletir acerca da intenção consciente ou subconsciente de marcar presença, se colocar enquanto ser vivo humano na rua, na cidade, no território. Quem pixa “reclama apenas o lugar que ocupa, não anunciando mais nada senão ele próprio” (BACELAR, 2006, p. 5), e por conseguinte

[...] essas formas de intervenção na cidade precisam ser pensadas em toda a sua dimensão, pois se configura como em espaços de diálogo tanto com a cidade quanto com o público da cidade, buscando a permanência dessa proposta que é artística e, ao mesmo tempo comunicativa. A cidade torna-se mais que suporte. Transforma-se num conjunto de formas, cores, desenhos, letras que, na dinâmica da urbe, criam a ilusão do movimento, incitando a admiração e repulsa, mas, principalmente, intervindo no espaço da urbe conferindo-lhe um novo significado e uma concepção distinta de se ver nela. (OLIVEIRA, 2012, p. 100)

Figura 7 - Garotos Infernais



Fonte: A autora, 2022.¹⁵

Como aborda uma persona estampada nas encostas da Avenida Bonocô e inspirada no coelho Sansão da Turma da Mônica com o balão afirmando “Eu faço história, você conta” da gangue G.I. (Garotos Infernais). A frase provoca diversas reflexões, quem conta e como será contada a história do pixo soteropolitano? Quem dá e quem tira o protagonismo de uma juventude marginalizada que pixa? Por que a sociedade está refém de uma moral criada pela estrutura dominante da colonialidade do poder?

¹⁵ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NtoKa1Y0uljqSEo0C317Iarhri80vNDb/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

A cidade pode ser vista como um bem do povo, logo, comporta-se como vetor e reflexo de células que a fazem estar vivas, a relação do ser com a cidade, vista como objeto, evoca a Museologia que através da musealidade emerge uma mudança cultural emergente, vendo o pixo como uma prática estética e artística a quem se coloca para decodificar signos e significantes produzidos por performances museais. Portanto, o entendimento de pixo como *medium* se comporta enquanto vetor de movimento e comunicação, atingindo e ocupando a cidade, expondo ideias por vontades diversas que se unem em um fazer comum (pixo) em um lugar comum (rua). Para tal apontamento foram utilizados os métodos de levantamento bibliográfico, entrevistas com pixadores e mobigrafias, para que a partir de um recurso visual direcionado e iconográfico haja uma reflexão acerca de uma prática que habita a cidade há décadas.

A figura “Avenida” trabalha a relação do pixo com a paisagem visual da urbe, a visão da Bonocô pelo Vale do Ogunjá compõe a natureza que restou, o concreto que tomou e o pixo que surgiu, uma composição que abriga existências, persistências e obliterações.

Figura 8 - Avenida



Fonte: A autora, 2022.¹⁶

A pesquisa ação

Com o auxílio da pesquisa-ação, intervenções no campo são necessárias, visto que a convivência é dinâmica e mutável, evitando entregar ao trabalho uma perspectiva supervisora afastada da realidade, uma forma eurocentrada de fazer ciência e discutir tecnologias. A pesquisa não se limita à observação participativa, pretende-se aqui agir com as formas de trocas para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central: a visão desatenta sobre o pixo por uma sociedade incapaz de decodificar signos. Com levantamento de soluções correspondentes às provocações para a agente lidar com sua atividade transformadora que é o convívio comunitário, obtendo informações que seriam de difícil

¹⁶ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ROvdJvFIFI7-pJKkFPhopEkxcihYqiKR/view?usp=sharing>. Acesso em 26 jun. 2023.

acesso por meio de procedimentos estritamente científicos, aumentando o conhecimento de determinadas circunstâncias (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.).

O registro do letrado de BIRD, encontrado na Bonocô, expõe o letrado tribalizado da “ganguê” A.R. sobreposto a uma ilustração que remete a uma placa de nome de rua, uma crítica a nomeação de ruas imposta por uma estrutura dominante, a justaposição do pixo com a alusão às ruas da cidade que não os acolhe em sua memória formal. Salvador, a cidade mais negra fora do continente africano, é destacada pela falta de representatividade em cargos de gestão pública e outros cargos de poder de uma cidade construída e sustentada por ancestrais dos povos negros e indígenas marginalizados e apagados da historiografia tradicional.

Figura 9 - BIRD A.R.



Fonte: A autora, 2022.¹⁷

¹⁷ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1NkpFn81_1d4lbQAtyWzDclWrF6EmfoFn/view?usp=sharing. Acesso em 26 jun. 2023.

Nesse sentido, a cidade, delegada por gestores, mas construída pelo povo, possui memória e para além de possuir e produzir memória constrói um processo de seleção e descarte desta memória de acordo com seus interesses. Logo, testificando a Museologia, numa de suas vertentes, configurada como uma ciência que reflete, pesquisa, observa e especula a relação específica do ser humano com a realidade, representadas, de formas extrínsecas e/ou intrínsecas, pelo Fenômeno Museu (SCHEINER, 2009), entende-se aqui o pixo como um fenômeno museológico e comunicacional, por atingir até quem não decodifica os signos, mas é atravessado pelo *medium* encontrado nas ruas de Salvador.

O termo musealidade cunhado por Stránský (1980) e trabalhado por Scheiner (2009, p.19), através da seara científica da Comunicação, é definido como “a relação entre o ser, espaço, tempo e memória” e auxilia a construção para a seguinte questão de pesquisa: Se todos os cidadãos possuem o direito à cidade, seja habitar ou transitar, por que o ato de expor a presença armado com tinta, de forma estética (intencional ou não), é marginalizada e criminalizada? Como relacionar o termo *medium* com uma prática estética e subversiva ao ponto de causar violências que auxiliam o genocídio da juventude negra no Brasil?

Figura 10 - Cobrinha Soteropolitana



Fonte: A autora, 2022.¹⁸

Referências

AZEVEDO, Paulo Victor Félix de. **A cidade como um livro aberto**: caligrafias urbanas nas ruas de Natal/RN / Paulo Victor Félix de Azevedo. 2018.

BACELAR, Jorge. **Notas sobre a mais velha arte do mundo**. Universidade da Beira. Portugal. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-notas-mais-velha-arte-mundo.pdf>. Acesso em 26 jun. 2023.

BELL, Clive. (1914) Arte. **A Hipótese Estética**. Tradução de R. C. Mendes. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

¹⁸ Acervo pessoal: estudos em mobigrafia. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1J-n7HHY2-uDmBrTb_mIGWkX5fhiIfA0hB/view?usp=sharing. Acesso em 26 jun. 2023.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: análise museológica do processo de concepção, montagem e avaliação. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1999.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Os nomes das ruas contam histórias**. Câmara Municipal de Salvador, 1999.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Coleção Tinta Vermelha/Carta Maior/BoiTempo Editorial, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Rio de Janeiro: Arte & Ensaios (PP-GAV/EBA-UFRJ), nº 32, 122 - 151, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>.

Acesso em 26 jun. 2023

OLIVEIRA, Anderson Eslye Leite de. **Pichação**: arte pública e resistência em Salvador. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

PONTES, Katiúscia. **Rekhet**: Um exercício que transcende o ato de filosofar. Rio de Janeiro: Ítaca, nº 36, 43 - 78, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

REICHER, Maria Elizabeth. **Introdução à estética filosófica**. São Paulo, 2009.

SANTOS, Paulo Sérgio dos. **Escritas Urbanas**: um estudo sobre a pixação e o grafitti na cidade de João Pessoa-PB / Paulo Sérgio dos Santos; orientadora: Tereza Correia da Nóbrega Queiroz, João Pessoa, 2012.

SANTOS, Ruan Philippe Marques Melo. **Eu pixo, você pinta**: desafios de uma contra estética visual, e o direito à cidade na disputa teórico e prática do espaço urbano em Salvador e Região Metropolitana. 2018. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. Museologia e patrimoniologia: reflexões. P. 43 - 60. In: **Museu e Museologia**: Interfaces e Perspectivas/ Museu de Astronomia e Ciências Afins - Organização de: Marcus Grano, Cláudia Penha dos Santos e Maria Lúcia de N. M. Loureiro. Rio de Janeiro:MAST, 2009. Disponível em: http://www.mast.br/publicacoes_museologia/mastcolloquia11.pdf. Acesso em 26 jun. 2023.